

# Pressão de exportadores

Regina Pires

Da equipe do Correio

O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, José Roberto Mendonça de Barros, precisou se ajeitar bem na cadeira para agüentar o bombardeio na hora de anunciar, quinta-feira, o saldo da relação comercial com os outros países. A conta ficou negativa em US\$ 1,3 bilhão para o Brasil em outubro — um recorde histórico.

Esse tipo de notícia aguça o sentido dos críticos mas principalmente dos exportadores, que têm sempre à mão uma lista de sugestões capazes, segundo eles, de fazer deslanchar as exportações e recuperar o equilíbrio comercial. O presidente da Associação Brasileira das Empresas de Comércio Exterior (AEB), Marcus Vinícius Pratini de Moraes, principal porta-voz dos exportadores, considera que uma ligeira aceleração dos reajustes do câmbio é uma das medidas que devem ser tomadas.

“Não é a única saída, apenas uma delas”, explica Pratini. Quando o governo deprecia o real, aumenta a receita em dólar para os empresários. O deputado Delfim Netto (PPB-SP), ex-ministro da Fazenda, concorda com essa teoria. “Eu não defendo nenhuma maxidesvalorização, mas uma abertura das bandas cambiais (o espaço determinado pelo governo para a flutuação dos preços de

compra e venda do dólar)”, diz Delfim.

## CUSTOS ELEVADOS

Pratini quer mais que isso: “Os produtos brasileiros conseguem disputar mercado no exterior. Mas apenas se levamos em conta o seu preço na porta da fábrica”, completa. Os custos de transporte e portuário inviabilizam muitos negócios, de acordo com o presidente da AEB.

Além disso, há escassez de linhas de crédito para a exportação, que ainda por cima são muito caras, incompatíveis com as oferecidas por outros países, observa Pratini.

Ele considera razoável que fossem cobradas taxas equivalentes à Libor (taxa de juros do mercado londrino) acrescidas de no máximo 1% ao ano ou 2% ao ano. Hoje, as poucas linhas disponíveis variam de 4% a 5% ao ano acima da Libor. “A incidência de taxas como o PIS e Cofins sobre as exportações também deveria acabar”, observou.

Mas é sabido por todos que fatores que independem da política de governo ajudaram a fazer com que a balança comercial pendesse para o lado das importações. Produtos que têm peso na pauta das exportações brasileiras tiveram um ano desfavorável. Despencaram no exterior os preços do aço, do alumínio, da celulose e dos produtos petroquímicos.

Zuleika de Souza



Delfim argumenta: “Não defendo nenhuma maxidesvalorização do real, mas uma abertura das bandas cambiais para aliviar os exportadores”